

Discutindo e produzindo conhecimento de modo interativo: o grupo de pesquisa como espaço formativo no ensino superior

Comunicação

Maura Penna
Universidade Federal da Paraíba
maurapenna@gmail.com

Rodrigo Lisboa da Silva
Universidade Federal da Paraíba
rodrigoltrombonista@gmail.com

Laídia Evangelista
Universidade Federal da Paraíba
laidia_evangelista@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação consiste em um relato de experiência sobre as atividades do Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O relato apresenta as atividades desenvolvidas e tece reflexões sobre a função educativa do grupo no contexto do ensino superior, apoiando-se em depoimentos de participantes. Contribuindo para a formação acadêmica de seus integrantes, o grupo desenvolve capacidades de leitura, produção de texto e discussão crítica, essenciais para as atividades de pesquisa na Educação Musical, requisitadas tanto aos alunos da Licenciatura em Música, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quanto aos pós-graduandos. Mesmo centrando suas reuniões nos projetos de iniciação científica que estão sendo realizados – que desde 2016 têm por foco a História de Vida Musical – as discussões teóricas e metodológicas interessam a alunos do mestrado e doutorado que trabalham com a mesma abordagem metodológica e/ou com temáticas similares. A diversidade de perfis dos participantes enriquece uma troca de ideias ampla e aberta, como os relatos dos participantes revelam. É possível concluir, portanto, que este grupo de pesquisa assume a função de espaço dialógico que contribui no desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva de seus membros, no que se refere a temáticas contextualizadas, sendo as interações entre os estudantes de diferentes níveis um aspecto essencial à troca de conhecimentos, resolução de problemas, motivação e engajamento no grupo. Por seu caráter educacional e formativo, grupos de pesquisa em Educação Musical precisam ser incentivados no ensino superior, com vistas à consolidação da pesquisa acadêmica na área.

Palavras-chave: Grupo de pesquisa. Ensino superior. Educação musical.

Introdução

Esta comunicação apresenta um relato de experiência sobre o espaço de formação constituído por um grupo de pesquisa. Consideramos o trabalho educativo desenvolvido neste espaço como uma oportunidade extracurricular de formação para o ensino superior, tanto para alunos de graduação quanto de pós-graduação, além de graduados sem vínculos formais com os cursos da instituição que procuram se inserir na vida acadêmica, desenvolvendo suas atividades de pesquisa com vistas ao ingresso na pós-graduação.

O Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Educação, vinculado ao Departamento de Educação Musical e ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi criado em 2010, sob a liderança da Profa. Maura Penna¹. O grupo mantém reuniões semanais regulares, correntemente voltadas ao projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido na iniciação científica. Desde 2016, esses projetos de pesquisa estão centrados na História de Vida Musical, com a coleta de dados através de entrevistas narrativas, de caráter biográfico. Sendo assim, integram-se também outros participantes – estudantes que elaboram Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), mestrandos e doutorandos – que estejam desenvolvendo pesquisas com a mesma abordagem metodológica ou com temáticas relacionadas, ou ainda quem esteja interessado em se aproximar das atividades do grupo. Além de incentivar a participação em eventos e preparar para eles trabalhos com diferentes configurações de autoria², o grupo propõe assistir – para posteriormente discutir – a palestras e defesas (de vários níveis acadêmicos).

Estas atividades são especialmente importantes para os alunos de nossa Licenciatura em Música, considerando que o ingresso no curso se dá por meio de um Processo Seletivo de Conhecimento Específico (PSCE) que articula a nota do Exame Nacional do Ensino Médio

¹ Líder e vice-líder são designações do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde sua criação, o Grupo já teve várias vice-líderes: Profa. Carol Pacheco, Profa. Sandra Avellar Aquino (UFPB), Profa. Silvia Sobreira (UNIRIO) e, atualmente, a Profa. Klesia Garcia Andrade (UFPE).

² Um exemplo são os trabalhos apresentados no XXXIV Congresso da ANPPOM (Salvador, 2024), com resumos publicados e texto completos a integrarem os anais: *Vivências musicais em família: experiências na infância e juventude e suas relações com estudos na maturidade*, com autoria da coordenadora do grupo, as voluntárias de iniciação científica (PIVIC/UFPB) Rayssa Claudino de Melo e Laídia Evangelista, e o doutorando Rodrigo Lisboa da Silva; *Aprender e sentir, sentir e aprender: a música na vida adulta*, com autoria da coordenadora, a voluntária de iniciação científica (PIVIC/UFPB) Ana Rosa Fernandes, os bolsistas de iniciação científica (PIVIC/CNPq/UFPB) Ingrid Simplício e João Tomaz da Costa Neto e o doutorando Micael Carvalho dos Santos.

(ENEM) ao resultado de provas sobre conhecimentos musicais – execução instrumental ou vocal, leitura de partitura, etc. Além disso, nosso curso tem múltiplas demandas – de participação em grupos musicais com diferentes formações ou em diversos projetos de extensão ou de ensino (Residência Pedagógica, PIBID, Prolicen). Deste modo, o desenvolvimento de habilidades necessárias à pesquisa acadêmica e científica – como a leitura e produção de textos, a discussão crítica – pode ficar em segundo plano. No entanto, nosso curso exige, além de um recital de conclusão, um TCC baseado em pesquisa.

Apesar de nosso curso de Licenciatura em Música ter, atualmente, uma maioria de alunos homens, nosso grupo costuma manter, em sua formação, um certo equilíbrio entre os gêneros. Grande parte dos participantes do grupo desenvolve alguma atividade remunerada, regular (com contrato de trabalho) e/ou esporádica (tocar por cachê e/ou aulas particulares³), pois mesmo os mais jovens graduandos precisam contribuir de alguma forma para sua própria manutenção, mesmo que ainda vivam com suas famílias. Entre estudantes de pós-graduação (ou pretendentes), temos professores e funcionários públicos. Não há, portanto, grande disparidade de classe entre quem participa do grupo.

Os grupos de pesquisa configuram-se como um espaço de formação complementar. Embora não obrigatória, a inserção nos grupos pode ser indispensável para alguns alunos conseguirem realizar a monografia de final de curso de modo satisfatório, além de incentivar a continuidade de estudos em nível de pós-graduação. A inclusão em projetos de iniciação científica, por exemplo, não apenas desenvolve habilidades que serão requeridas para um TCC de pesquisa, como por vezes pode prover os dados empíricos que poderão ser nele explorados.

O relato de experiência sobre as atividades do grupo – acompanhado de reflexões a respeito das potencialidades formativas desta configuração de trabalho acadêmico – é aqui apresentado pela coordenadora do grupo, docente de ensino superior (como primeira autora), em parceria com outros dois membros do grupo: um atual doutorando, que também participou das atividades do grupo durante o seu mestrado (segundo autor), e uma aluna de iniciação científica⁴, já licenciada em música por outra instituição e com um mestrado em Computação, Comunicação e Artes, pela UFPB (terceira autora).

³ Sobre a tendência de estudantes de cursos de graduação em música trabalharem e estudarem, ver Morato (2009).

⁴ Ela foi voluntária de iniciação científica enquanto cursava o bacharelado como segunda graduação.

Buscamos, assim, atender à proposta de Fernandes (2015) para uma maior consistência dos relatos de experiência como produção acadêmica:

O relato de experiência é [...] uma descrição de uma ação pedagógica [ou educativa], fundamentada teoricamente, de maneira mais informal e sem o rigor obrigatório da apresentação de resultados de pesquisa. Tal modalidade de texto é repleto de interseções entre a prática e a teoria. Ao contrário de um texto analítico, as descrições práticas se incorporam ao discurso e dão mais “colorido” e significado para a leitura. (Fernandes, 2015, p. 115)

Nossas “descrições práticas” são constituídas por alguns depoimentos de participantes sobre o significado de suas vivências no grupo⁵. Deste modo, procuramos incorporar também a perspectiva de seus integrantes sobre o grupo e sua função educativa e formativa, sem considerar apenas as intenções de sua coordenadora. Buscando “interseções entre a prática e a teoria”, nas reflexões desenvolvidas, entrecruzamos esses relatos com dados de outros estudos e proposições teóricas da educação musical ou áreas afins.

O Grupo de Pesquisa e a formação para o trabalho acadêmico

Como já assinalado, em nossa licenciatura, as demandas específicas da prática musical e seus conhecimentos especializados por vezes não deixam muito espaço para as atividades de leitura e produção de texto. Estas, por sua vez, além de requisitadas em muitas disciplinas pedagógicas, são essenciais na iniciação científica e na produção do TCC derivado de pesquisa. A leitura de textos acadêmicos pode ser, portanto, um desafio no ensino superior, pois “quando ingressa na universidade, o estudante precisa aprender a lidar com o vocabulário científico e filosófico, que apresenta conceitos complexos e argumentos elaborados em textos, exigindo concentração e dedicação de estudo”. (Lazzarin, 2016, p. 11).

Deste modo, apresentamos e discutimos trechos dos relatos dos participantes do grupo de pesquisa mencionado que mostram a importância desse espaço no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita acadêmica, formação do pensamento

⁵ Esses depoimentos foram cedidos espontaneamente, em julho de 2024, por participantes atuais ou anteriores de nosso grupo, que se dispuseram a colaborar com este relato.

crítico, bem como na aproximação com os conhecimentos científicos produzidos na área de Educação Musical.

O desenvolvimento da leitura, escrita acadêmica e análise crítica

Tanto a Aluna I – licencianda que foi bolsista de iniciação científica por três vigências – quanto a Professora I – egressa de nosso curso que participou do grupo enquanto realizava o seu TCC – destacam em seus relatos as leituras de textos e sua discussão durante as reuniões como importantes para seu desenvolvimento:

[...] tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos na área da pesquisa, praticar mais a leitura de textos, compartilhar e adquirir entendimentos através das reuniões. [...] Dessa forma, fui compreendendo o ponto de vista de cada participante e, ao mesmo tempo, mostrando as minhas concepções sobre o assunto abordado nas discussões em grupo. (Profa. I)⁶

As discussões sobre os textos contribuíam para o desenvolvimento da capacidade analítica e crítica, essencial para o trabalho científico:

Na atividade científica, a crítica é considerada a razão de ser da ciência, e ela somente pode existir no espaço do diálogo livre e aberto, próprio da intersubjetividade. O conhecimento científico nasce e se alimenta da *saudável controvérsia* sobre temas de interesse dos cientistas. (Alexandre, 2014, p. 51 – grifos do original)

A “saudável controvérsia” referida pela autora Agripina Alexandre pressupõe a livre expressão de ideias e o respeito mútuo. Neste sentido, ressalta o Doutorando I, segundo autor deste relato:

[...] destaco o grupo de pesquisa como espaço democrático e não verticalizado de formação crítica e de produção de conhecimento em música, sobretudo, em educação musical. Todos os participantes têm o direito de falar e de serem escutados, e não só a professora líder do grupo. A leitura e o debate dos textos são sempre feitos de maneira crítica e fundamentada. (Doutorando I)

⁶ Apresentamos em itálico os trechos dos depoimentos de participantes do grupo, para diferenciá-los das citações de fontes bibliográficas.

Desta forma, as reuniões do grupo de pesquisa mostram-se favoráveis ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, promovendo o debate e a discussão de concepções e propostas na área de Educação Musical. Contudo, cabe salientar que a formação crítica do pesquisador precisa estar pautada em posturas éticas:

[...] a discussão necessária ao desenvolvimento científico é uma discussão de ideias, que não coloca em pauta questões ou relações pessoais. [...] O agir comunicativo e a livre expressão do pensamento que se colocam em jogo exigem, portanto, respeito mútuo e civilidade; exigem, ainda, maturidade não apenas acadêmica, mas individual. Assim, cabe indagar como nos preparamos para isso e como desenvolvemos nos nossos alunos essa atitude de criticidade. (Penna, 2018, p. 2-3)

Embora as reuniões sejam usualmente centradas no projeto de pesquisa da iniciação científica, as leituras e discussões promovidas no grupo são pertinentes também para participantes de outros níveis, na medida em que tratam de temáticas e discussões da educação musical. A terceira autora deste relato (Mestre I) reconhece que sua participação como voluntária de iniciação científica (PIVIC/UFPE) ajudou-a a aprofundar seu conhecimento sobre a especificidade da produção da área, que não tinha sido tão amplamente abordada tanto em sua licenciatura, quanto em seu mestrado – e desta forma a participação no grupo poderia ajudá-la a se preparar para uma seleção de doutorado em Educação Musical.

Durante a minha graduação em Música em uma outra instituição de ensino, tive contato com a pesquisa acadêmica, mas ao decorrer do mestrado, que foi em outra área e durante a pandemia, percebi que havia perdido esse contato acadêmico com outros estudantes e, também, senti a falta de um referencial teórico para a continuação dos meus estudos [...]. Por exemplo, foi no grupo de pesquisa que eu tive o meu primeiro contato com a entrevista narrativa e pesquisa autobiográfica em Música, o que tem me despertado cada vez mais interesse. (Mestre I)

No mesmo sentido, o segundo autor destaca que “os textos debatidos nas reuniões estão sendo incorporados às referências da minha futura tese, o que dá mais fundamentação para a discussão dos depoimentos dos futuros participantes da minha pesquisa” (Doutorando I).

O vínculo entre as leituras e discussões realizadas no grupo e as atividades de escrita/produção de textos acadêmicos consolida-se na elaboração dos relatórios de pesquisa, que também são frutos de trabalho coletivo. A Aluna I sentia muita dificuldade com as leituras e escritas, até mesmo como consequência de um ensino médio deficitário, de

modo que o seu primeiro relatório do PIBIC, durante o período da pandemia, foi um verdadeiro desafio. No entanto, avalia que, progressivamente, seu vocabulário aumentou e seus textos se tornaram mais coerentes: “Quando fui para a Residência Pedagógica, já fui com mais confiança, porque já sabia como se faz um relatório, a escrita acadêmica, etc.” Por sua vez, a Profa. I relata: “Todo esse processo [desenvolvido no grupo] contribuiu para a escrita do meu trabalho final de curso, pois a cada reunião e leitura dos textos, a escrita do meu TCC ia fluindo mais”. Essas experiências evidenciam como o ambiente colaborativo e as discussões acadêmicas têm sido fundamentais para o desenvolvimento das habilidades de escrita e análise crítica, refletindo diretamente na qualidade das produções científicas de seus membros.

A participação no grupo pode constituir uma oportunidade para o desenvolvimento da escrita acadêmica não apenas de estudantes de graduação, mas também para aqueles que visam a pós-graduação ou que já estão nela – cada qual ampliando suas habilidades e possibilidades. Nesta direção, a Mestre 2 relata que as discussões no Grupo de Pesquisa Música Cultura e Educação foram fundamentais para seu ingresso e percurso no Mestrado Profissional em Educação da UFPB – em que realizou uma pesquisa com temática de Educação Musical:

Nesse período em que estive no grupo, pude participar das discussões sobre as pesquisas em questão à época, pude participar da elaboração de um artigo e a frequência nas reuniões foram fundamentais para entender todo o processo de uma pesquisa. Ajudou muito também na seleção de meu mestrado, na elaboração do pré-projeto e para todo o meu percurso na pós-graduação. (Mestre 2)

Isso mostra que as experiências no grupo podem preparar seus membros para programas de pós-graduação, sem necessariamente se restringir à área de Música, evidenciando a sua atuação educativa na formação acadêmica de modo geral.

Os relatos apresentados indicam, portanto, que a participação em grupos de pesquisa é essencial no que se refere à formação para o trabalho científico, tanto nos aspectos do pensamento crítico-reflexivo, quanto no desenvolvimento da leitura e escrita no ensino superior. Os membros do grupo não apenas expandem sua capacidade de análise e argumentação, mas também refinam suas competências de escrita acadêmica através da interação contínua com diferentes perspectivas e abordagens teóricas. Além disso, as discussões empreendidas, assim como as experiências de elaboração coletiva de textos para

apresentação em eventos da área, contribuem para desenvolver “sistematicamente a capacidade de questionar, de argumentar, refletir, defender posicionamentos, mas também de aceitar críticas e rever os próprios trabalhos” (Penna, 2023, p. 47). Tais capacidades são essenciais para o campo acadêmico e científico, em decorrência do caráter reflexivo da ciência. E é este seu caráter que sustenta as defesas públicas, perante uma banca de especialistas, tanto dos TCCs de nosso curso, quanto das pesquisas de pós-graduação. Assim, é uma postura também importante no percurso de formação.

Por outro lado, o grupo de pesquisa favorece a troca de conhecimentos e experiências entre seus participantes, o que não apenas enriquece a compreensão dos temas discutidos, mas também contribui para a construção de redes de apoio e colaboração que são essenciais para o avanço na carreira acadêmica. O impacto positivo dessas interações vai além da própria produção acadêmica, afetando a forma como os participantes se aproximam de suas pesquisas.

O Grupo de Pesquisa como espaço de interação e intercâmbio

Os grupos de pesquisa são espaços fundamentais para o desenvolvimento de conhecimento acadêmico e produção epistemológica. Podem, ainda, proporcionar o intercâmbio de experiências e saberes entre estudantes de vários níveis acadêmicos. No caso de nosso grupo, não há uma divisão hierarquizada de atividades, como por vezes pode ocorrer em alguns contextos⁷. Assim, as discussões de textos e atividades de análise de dados são coletivas, envolvendo desde os graduandos até os doutorandos. Isso não quer dizer que, em cada nível e em função dos projetos pessoais, não existam também atividades individuais. Mas há sempre momentos de compartilhamento coletivo, de modo que a interação é incentivada. Por outro lado, a participação nas reuniões do grupo é obrigatória apenas para os estudantes de iniciação científica. Para os pós-graduandos orientados pela coordenadora, ela é recomendada, mas com obrigatoriedade relativa apenas para os bolsistas. Assim, os conflitos são minimizados, já que a presença e participação não resulta

⁷ Conhecemos grupos em que estudantes de graduação apenas coletam dados, aplicando questionários, por exemplo, mas não participam de sua análise. Ou, ainda, grupos em que alunos de doutorado orientam os mestrandos, estes os graduandos. No nosso caso, a coordenadora acompanha diretamente os seus orientandos de todos os níveis acadêmicos, quer eles participem regularmente das reuniões do grupo ou não.

de imposição externa: costumam refletir motivação intrínseca e engajamento pessoal⁸ – na medida de cada um –, a partir do reconhecimento individual de sua importância para o próprio processo de desenvolvimento cognitivo, intelectual e acadêmico.

A Aluna 2, que está em seu segundo ano de iniciação científica, revela que suas primeiras atividades de pesquisa aconteceram no grupo: “Desde então, tenho aprendido muito, desenvolvido minhas habilidades e conhecimentos, não somente sobre a pesquisa em educação musical, mas sobre o desenvolvimento humano.” (Aluna 2). Ela pretende utilizar material da coleta de dados do seu plano de trabalho da iniciação para o desenvolvimento do seu TCC. Ressalta, ainda, a riqueza do ambiente de trabalho do grupo, que é caracterizado por sua diversidade:

O grupo é heterogêneo, acolhe desde os alunos da graduação aos doutorandos, proporcionando troca de saberes e, também, a perspectiva da continuidade na carreira acadêmica. Atualmente estou finalizando meu relatório [...] e me encaminhando para o terceiro ano de pesquisa, no qual aproveitarei para coletar dados para escrever meu TCC. (Aluna 2)

Esses relatos evidenciam como as experiências de colaboração e troca de conhecimentos dentro do grupo são fundamentais para o crescimento dos participantes e para a realização de atividades significativas. Nesta mesma direção, o Doutorando I destaca que, quando estava no mestrado, o grupo de pesquisa foi importante para a sua aproximação com os estudos e perspectivas da pesquisa autobiográfica em Educação Musical. Esse processo ocorreu não apenas por incentivo da orientadora, mas também pelas interações com outros colegas do grupo que ainda estavam na graduação, mas que já trabalhavam com pesquisa autobiográfica em projetos de iniciação científica. O Doutorando I relata:

Por meio dos encontros e discussões com a orientadora e com os colegas do grupo, pude aprofundar-me nas discussões e potencialidades dos estudos autobiográficos, sobretudo com o uso das entrevistas narrativas como instrumentos de coleta de informações. Desta forma, pude amadurecer a proposta das entrevistas narrativas, bem como a maneira de analisar e discutir os relatos dos entrevistados. Eu aprendi muito ao ver os colegas que estavam na licenciatura – mas que participavam do grupo na iniciação científica – transcrevendo e analisando trechos de depoimentos de suas pesquisas. Essa

⁸ “De maneira geral, o engajamento pode ser entendido como uma participação ativa em uma atividade que tem sua qualificação a partir de componentes comportamentais, cognitivos e afetivos/emocionais de uma pessoa na realização de uma ação.” (Toni, 2024, p. 7). Essa questão será retomada adiante.

interação foi fundamental para o meu desenvolvimento no mestrado e, agora, no doutorado! (Doutorando I)

Em outro momento de seu depoimento, o Doutorando I revela que sentiu dificuldades para encontrar os participantes para o seu projeto de pesquisa do mestrado⁹. Contudo, as interações no grupo, com os colegas da iniciação científica, foram essenciais para a solução do empecilho que inviabilizava a continuidade da pesquisa:

No mestrado, eu entrevistei ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa. Como esses ex-integrantes, em sua maioria, não tinham mais contatos com as bandas e estavam espalhados, vivenciei um dilema sobre como encontrá-los para participar do estudo. Inclusive, pensei em desistir daquele projeto, pois, por um momento, considerei a inviabilidade de continuar com este público específico! Contudo, as colegas do grupo sugeriram usar as redes sociais para encontrar os ex-integrantes, o que não ocorrera à minha orientadora. A partir daí, pudemos traçar estratégias para localizar participantes para minha pesquisa. (Doutorando I)

Desta maneira, o relato do Doutorando I mostra que os grupos de pesquisa são espaços importantes no que diz respeito aos aspectos metodológicos e epistemológicos de produção de conhecimento em música. Seu depoimento realça o impacto das reuniões do grupo na socialização e resolução de problemas referentes à condução das narrativas. Neste sentido, Mainardes (2022, p. 3-4) aponta que os grupos de pesquisa são “comunidades epistêmicas” de ajuda mútua entre os participantes que, por sua vez, buscam solucionar problemas a partir de um interesse compartilhado.

Sobre os mestrados, André (2007, p. 136) destaca que a participação em grupos de pesquisa pode colaborar na qualidade das dissertações, dada a rede de apoio formada entre seus membros. Diante do curto prazo para a conclusão de um mestrado, a participação no grupo pode ser importante para a inserção do mestrando em um referencial teórico comum e/ou para a discussão de uma problemática mais ampla (André, 2007, p. 136). Nesta perspectiva, as reuniões podem favorecer encontros com referenciais teóricos que podem ser tomados como lentes analíticas para os estudos em música. Foi o que aconteceu com o Doutorando I, à época de seu mestrado:

Durante as reuniões do grupo de pesquisa, além das metodologias autobiográficas – especialmente as entrevistas narrativas –, eu tive contato com a Logoteoria de

⁹ Os resultados da referida pesquisa de mestrado são encontrados em Silva (2020).

Viktor Frankl¹⁰, e isso foi bastante importante para analisar os sentidos e as significações que os entrevistados do meu estudo de mestrado tinham com a música e as bandas. O uso da Logoteoria não estava previsto inicialmente. Foi o grupo de pesquisa que me ajudou a encontrar essa lente teórica. Hoje, voltei para o doutorado em Música da UFPB tendo Frankl como a principal referência teórica do meu projeto de tese. (Doutorando 1)

Os grupos de pesquisa são, portanto, espaços de cooperação e compartilhamento de responsabilidade entre seus membros (Mainardes, 2022, p. 3-4). Assim, André (2007, p. 136) argumenta que a participação nos grupos possibilita múltiplas aprendizagens a partir da pluralidade de experiências e vivências de seus membros. Isto é ressaltado pelo segundo autor, que volta a participar das reuniões do grupo quando ingressa no doutorado, três anos após concluir seu mestrado e já professor concursado da rede pública da Paraíba, que lhe propiciou um curso de especialização realizado em convênio com universidade espanhola:

As reuniões têm sido de grande importância para a minha formação, pois são momentos de discussão, troca de ideias, debates a respeito das práticas musicais e significações de diferentes pessoas com a música. Tenho a oportunidade de ajudar os colegas a escrever artigos para congressos, Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação, compartilhar e discutir com os pares trechos do meu projeto de tese, e isso tem-se mostrado fundamental para o meu amadurecimento. (Doutorando 1)

Além de ser um espaço importante para a formação de estudantes de pós-graduação, os grupos de pesquisa podem proporcionar troca de experiências também para os graduandos que, por sua vez, podem se sentir motivados a seguir estudos acadêmicos na área da pesquisa. Neste sentido, o Aluno 3 – estudante de graduação – relata:

Nas reuniões de iniciação científica, lemos e debatemos textos acadêmicos e relatos de pesquisa, o que proporciona um ambiente rico para o aprendizado e a troca de conhecimentos. Como iniciante no meio científico, aprecio essas reuniões, pois elas me permitem aprender com pessoas de diferentes níveis acadêmicos, ampliando minha compreensão sobre o campo científico. Esse convívio com colegas mais experientes tem sido inspirador e motivador, levando-me a dedicar-me ainda mais à pesquisa científica. Desde que comecei a participar, tenho aprofundado meus estudos e investido tempo em pesquisas sobre educação musical, o que tem enriquecido minha formação e perspectiva acadêmica. (Aluno 3)

¹⁰ A Logoteoria – também conhecida como Logoterapia ou Teoria do Sentido de Vida – foi criada pelo psicólogo e psiquiatra vienense Viktor Frankl. De maneira geral, a Logoteoria entende que cada ser humano é livre e responsável pelo seu percurso de vida, sendo sustentado por três princípios básicos: liberdade de vontade; vontade de sentido; sentido de vida. Para maiores detalhes, ver: Frankl (2022).

De acordo com Toni (2024, p. 12-14), a motivação é a força que direciona o indivíduo a uma determinada atividade, enquanto o engajamento é a participação ativa da pessoa numa tarefa específica. Ao analisarmos o depoimento do Aluno 3, podemos perceber que as interações no grupo não apenas o motivam a continuar frequentando as reuniões, mas levam-no a um engajamento com a pesquisa acadêmica, refletido na dedicação e na busca por novos conhecimentos. Desta maneira, a interação entre estudantes de diferentes níveis tem-se mostrado importante para a formação, motivação e engajamento com a pesquisa em música no contexto do ensino superior.

Considerações finais

Como visto, os grupos de pesquisa são ambientes favoráveis ao desenvolvimento de habilidades essenciais ao trabalho acadêmico: leitura, escrita, diálogo, reflexão, crítica etc. Além disso, a interação entre estudantes com experiências diversas é um aspecto essencial à troca de conhecimentos, resolução de problemas, motivação e engajamento entre os membros do grupo.

Conforme os depoimentos dos participantes, o grupo de pesquisa assume a função de espaço dialógico que contribui no desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva no que se refere a temáticas contextualizadas. Desta forma, é possível afirmar que, enquanto espaço educativo, o Grupo de Pesquisa Música Cultura e Educação preza pelo diálogo, cooperação e colaboração, valorizando e discutindo os percursos de vida das pessoas entrevistadas que, voluntariamente, decidem compartilhar as histórias de suas relações com a música.

Pelo exposto, defendemos que a participação em grupos de pesquisa no ensino superior merece ser mais estimulada ainda na graduação, dada a sua importância para a formação acadêmica crítica e dialógica. Nesta direção, é preciso que haja maior incentivo institucional e financeiro – quanto às condições de infraestrutura¹¹, bolsas e materiais de pesquisa, por exemplo – para o fortalecimento dos grupos de pesquisa em Educação Musical no Brasil. Além disso, a criação de novos grupos faz-se importante para este processo de

¹¹ Neste ponto, nosso grupo enfrenta algumas dificuldades quanto à estrutura física de sua sala e acesso a materiais de consumo, financiamento etc. Conhecemos outras instituições de ensino superior em que os grupos de pesquisa têm apoio e verba para promover eventos, por exemplo. No entanto, buscamos trabalhar do melhor modo com as condições disponíveis.

consolidação da pesquisa acadêmica na área, desde que esses espaços prezem pelo rigor metodológico e compromisso ético, essenciais à produção científica em qualquer campo de conhecimento.

Referências

ALEXANDRE, Agripina Faria. *Metodologia científica e educação*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Grupos de pesquisa: formação ou burocratização?. *Revista de Educação PUC-Campinas*, [S. l.], n. 23, 2007. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/176>. Acesso em: 26 jul. 2024.

FERNANDES, José Nunes. Relato de experiência em educação musical: questões básicas. *OuvirOUver*, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 100-122, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/30391>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 57. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2022

LAZZARIN, Luís Fernando. *Introdução à escrita acadêmica*. Santa Maria, RS: UFSM, 2016. ebook. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15825>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo. *Teorias, métodos, pesquisa educacional: cadernos de pesquisa, São Paulo*, v. 52, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/6cNpjBBjGGcLcQSzMwK56jg/?lang=pt#>. Acesso em: 26 jul. 2024.

MORATO, Cíntia Thais. *Estudar e trabalhar durante a graduação em música: construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música*. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música. Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/17686>. Acesso em: 20 maio 2024.

PENNA, Maura. A discussão crítica como condição para o desenvolvimento da pesquisa em educação musical: algumas reflexões a partir de uma experiência. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2018, Salvador. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2023.

SILVA, Rodrigo Lisboa da. *Memórias da banda: percursos de formação de ex-integrantes*. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18517/1/RodrigoLisboaDaSilva_Dissert.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

TONI, Anderson. Motivação e engajamento em contextos de prática, ensino e aprendizagem de música. *Orfeu*, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/24946>. Acesso em: 29 jul. 2024.